



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

MUTAÇÕES CULTURAIS E SUBJETIVIDADES EMERGENTES: EXPERIMENTAÇÕES JUVENIS DOS ANOS 60 DO SÉCULO XX EM TERESINA

Lucélia Nárjera de Araújo*

1

Falar da década de sessenta nos encaminha a pensar mudanças, transformações que subjetivaram novos sujeitos e redirecionaram sociedades do mundo inteiro, um período marcado por modificações culturais e comportamentais, por inovações significativas advindas com a emergência das novidades tecnológicas, que mudou a percepção da economia, arte, cultura, valores e refletiu na mutação de comportamento de uma geração,¹ representado pela produção discursiva como ‘anos rebeldes’. E, do mesmo modo, o aparecimento de novas linguagens artísticas, como o Tropicalismo, o poema processo, o impacto da jovem guarda no cenário musical, a entrada da música pop internacional, o movimento de contracultura. Anos subjetivados por esperanças e entusiasmo dos jovens do mundo inteiro por mudanças sociais, ideais que moviam muitos jovens que habitavam as cidades grandes e médias do Brasil ao experimentaram

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG, graduada em História pela UESPI e em Letras pela UFPI, especialista em História do Brasil – UFPI.

¹ A noção de pertencimento a uma geração é pensada aqui a partir do que ressalta Maria Inés Mudrovic, que cita a concepção de Ricoeur de que a geração são indivíduos expostos às mesmas experiências e influenciados pelos mesmos acontecimentos. MUDROVIC (2009, p. 106)

situações inéditas que redefiniu seus valores diferenciando-os das gerações anteriores no modo de agir e perceber o mundo.

Os anos sessenta foram marcados por manifestações e contestações juvenis, na forma de gerir a política, a economia, a família e a sexualidade de homens e mulheres. Em meio a esse cenário de contestação mundial em que os jovens estudantes foram protagonistas e levantaram a bandeira de luta contra o autoritarismo e “as instituições em que ele mais se fez sentir: a família, escolas e universidades” (CARMO, 2001, p. 77), no Brasil configurou-se um regime político autoritário a partir do golpe militar de 1964 que enrijeceu sua atuação repressiva e censura às liberdades de expressão em 1968, com o Ato Institucional nº 5, isso constituiu um ingrediente a mais para as lutas dos estudantes cujo ícone de luta maior da geração era a liberdade.

Hollanda (1999) nos cartografa a década de sessenta como um período de intensa mobilização social, marcada por clara militância política e cultural, uma sociedade que busca através da produção cultural, da arte e da política alternativas para se localizar frente a um novo quadro conjuntural formado a partir do golpe militar de 64. Segundo Bresser Pereira (2006) a rebeldia jovem fora um estilo que caracterizou essa geração de sessenta cujos acontecimentos refletiram na década seguinte. E, sobretudo, no Brasil marcado por um regime repressor a luta pela liberdade e seus ideias de mudanças se justificavam ainda mais e davam maior relevância a causa jovem.

As mutações nos comportamentos e valores dos jovens de todo o mundo distinguiu essa década das demais e isso contribuiu para sua denominação de “anos rebeldes”, em que o símbolo maior foi o ano de 1968, período que, segundo Zuenir Ventura (1988), os jovens participaram dos acontecimentos com uma intensidade nunca vista antes na História; por ter sido a juventude protagonista de uma revolução nos costumes cujos resultados são vivenciados hoje.

A ideia de Zuenir Ventura de que a geração de 1968 experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, dá uma ideia de que todos os jovens do período vivenciaram-no de forma utópica e com a mesma intensidade, uma perspectiva saudosista do período, já que sua obra fora escrita no final da década de oitenta, quando muitos estudiosos se volta sobre o período de sessenta com essa ideia de que aquela geração fora distinta e revolucionária. Certamente nem

todos os jovens do período foram revolucionários, e nem perceberam e significaram as mudanças pela qual a sociedade estava passando da mesma forma; mas é difícil ignorar que, se houve uma característica que singulariza aquela geração, certamente ela está relacionada à sua explosão em “revolta contra o poder nas suas várias dimensões: revolta dentro de casa contra a geração dos pais; revolta contra as formas de cultura e artes dominantes; revolta contra os padrões de comportamento vigentes” (SIRKIS, 1999, p.111). Mas essa revolta se manifesta com intensidades diversas pelas cidades brasileiras, em Teresina a juventude universitária, consciente da realidade social vigente no país, também expressou sua repulsa ao regime militar e a suas práticas de opressão social e repressão, com táticas articuladas com jovens de outros Estados e se manifestaram contra as estratégias dos militares para coibir a ação dos movimentos estudantis.

A universidade torna-se o foco de disseminação de ideias e local de reunião e organização de grupos militantes. É nesta leitura que o presente trabalho formula questões acerca da vivência desse período por jovens que o experienciaram longe dos grandes centros universitários e propõe refletir acerca da emergência de novos costumes e valores que emergiram entre os jovens estudantes da Universidade Católica de Filosofia em Teresina na segunda metade da década de sessenta do século XX, buscando perceber como esse grupo de jovens recepcionou e adaptou ao seu cotidiano essas mudanças culturais, indagando como eles se integraram ou reagiram à nova ordem comunicacional moldada a partir das mudanças tecnológicas como o advento da televisão, a descoberta de métodos contraceptivos, como a pílula, a disseminação da liberdade sexual e das expressões artístico-culturais do período.

Seguindo a perspectiva de Chartier ao pensar que a noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção, pois “As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas”. (CHARTIER In: HUNT, 1995, p.234). Assim refletir sobre as táticas empreendidas por sujeitos que em contato com um mundo em transformação constituem-se a partir de novos sonhos, novas concepções de mundo em torno de si, de seus corpos, de seus desejos, elaborando em suas “artes de fazer” formas

de micro resistências às instancias irradiadoras de poder. Nossa problematização está imbricada aos aspectos cotidianos, entendido aqui a partir das considerações de Certeau (2002, p.31), para quem este se revela nas *artes de fazer*, uma vez que “é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”. Ou seja, é no cotidiano que este autor considera que os indivíduos inventam sua vida a partir das práticas cotidianas que através das estratégias que, por sua vez, pressupõe certo cálculo das relações de forças na sociedade e das táticas que se materializam nas permanências e continuidades de possibilidade de ganho, fabricam suas criações inventivas de forma artesanal e discursiva.

As reflexões aqui desenvolvidas buscam respostas nas fontes orais, através de depoimentos de sujeitos que vivenciaram sua juventude enquanto estudantes da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí nos anos sessenta, pois conforme Alberti (2010) a realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado possibilitam o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração, e se constitui como fonte histórica, que possibilita reconstituir história de vários aspectos e momentos da vida cotidiana de pessoas e grupos sociais. Foram utilizadas ainda as fontes hemerográficas, jornais de circulação local que influenciava o pensamento e a moda dos jovens, além das obras que retratam o período.

Na construção da fonte oral há solicitação da memória do depoente, desta forma há ainda o trabalho com memórias, que, individuais e coletivas, não são somente conquista, mas um instrumento e um objeto de poder, segundo Le Goff (2003). No entanto, como observa o historiador, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003).

As mudanças vivenciadas e experimentadas pelos jovens dessa geração contribuíram para o surgimento de uma juventude transgressora, que em muitas situações burlou as expressões e ações normativas, buscando romper com as formas dominantes de pensamento e com os valores e hábitos consagrados, seja na família, na faculdade ou no espaço público. Ao refletir acerca das mudanças nos costumes da juventude dos anos 60, Maria Paula Araújo ressalta que

Ao longo dos anos 1960, a vida nas universidades e os movimentos estudantis propunham também uma revolução nos padrões de comportamento, na forma de viver e de amar. A pílula anticoncepcional deu às jovens da época uma liberdade sexual até então desconhecida. O sexo e o prazer podiam ser praticados sem medo das consequências de uma gravidez não desejada. [...] a década de 1960 foi também a década dos hippies, das experiências comunitárias, do amor livre, das drogas. (ARAUJO, 2007, P.197).

Sobretudo, tais mudanças foram perceptíveis entre alguns jovens que se destacaram nesse cenário ao contestar a sociedade disciplinar, os valores conservadores e lutar por transformações sociais, pondo em questão a cultura em seus variados aspectos: costumes, sexualidade, moral e estética. Fora, portanto, um momento em que segundo Teresinha Queiroz (2006) “a juventude se torna protagonista principal de sua própria trajetória, fazendo ver e valer sua nova presença no mundo”. Os jovens participam efetivamente do processo de ressignificação da realidade frente às novas subjetividades que emergem nesse cenário de mudanças dos anos sessenta, provocando mudanças efetivas de comportamento, evidentes na geração jovem que frequentavam espaços de sociabilidades e de disseminação de ideias como escolas e universidades. Conforme Heloísa Buarque a universidade brasileira “é responsável pelo surgimento de um expressivo movimento político de resistência” (1999, p.94).

Esse cenário de mudanças envolveu não somente a juventude das grandes cidades, apesar desta ter sido mais afetada. Pois o momento cultural mundial que se constituiu a partir de 1960 foi majoritariamente urbano. Jovens de cidades médias também foram influenciados por novos comportamentos, direcionados pelos meios de comunicação de massa e por uma indústria cultural que “Da TV Globo aos ‘fascículos semanais’, passando pelo rádio e pela indústria do disco, um misto de *entertainment* e ufanismo promove a integração nacional pela via da cultura” (HOLLANDA, 1999, p.96). Essa integração pela via da cultura permite aos jovens de cidades médias na década de sessenta, como era Teresina, subjetivarem valores e modificarem comportamentos, influenciados pela emergência de um novo modo de vida jovem, pela incorporação de novas linguagens artísticas que se refletem na percepção das pessoas, possibilitando mudanças no cotidiano desses jovens que passam a consumir de forma diferente os espaços da cidade, modificando sua estética e seus valores.

Os jovens estudantes da FAFI entravam em contato com as novidades da moda e com as manifestações artístico-culturais e política através de revistas de circulação nacional, jornais locais que apesar da censura imposta pela ditadura civil militar de 1964 ela não impossibilitou que os artistas dessem seu recado por intermédio da arte, teatro, do cinema, da música e da televisão.

A juventude teresinense consumiu as expressões artísticas e culturais do período utilizando-se de táticas para burlar as barreiras impostas pelo subdesenvolvimento a que estava submetida a cidade de Teresina, visto as dificuldades que alguns jovens tinham para adquirir livros, as revistas de circulação nacional como O Cruzeiro e jornais como o Pasquim, assim como nos relata Maria das Graças, ex aluna da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí que estudou naquela instituição entre os anos de 1968 a 1971, eles eram comprados muitas vezes por encomenda na única banca de revista existente na cidade, e circulavam entre os colegas através de empréstimos ou eles se reuniam para ler e discutir o conteúdo destes. Assim expressa

Tínhamos acesso as revistas nacionais, não com a facilidade que nós temos hoje, é claro né! Até por que as revistas que vinham para cá não era número suficiente, nós não tínhamos dinheiro para comprar revistas, a gente tinha acesso assim, um comprava e ficava passando para nós irmos nos informando do que estava ocorrendo nacionalmente, não só na questão da revolução, mas na questão da música. (MOITA, 2012)

Pelo relato supracitado dá-se para perceber a teia de leitura que se forma entre os jovens pelas dificuldades impostas pela falta de dinheiro e insuficiência de exemplares que chegavam na cidade. Pois em Teresina no início da década de sessenta havia uma única banca de revista. Mas nem em meio a essas dificuldades a juventude ficou à margem dos acontecimentos nacionais, se encontrava táticas para burlar tais obstáculos, através das trocas dos exemplares entre estudantes, aquisição de revistas e jornais trazidos pelos estudantes que moravam em outras capitais, formação de grupos de leituras para socialização das informações, isso os tornava veículos que integravam os estudantes de Teresina às novidades que circulavam no Brasil.

A efervescência cultural vivida na década de sessenta e início de setenta com as manifestações artísticas mais engajadas com os problemas políticos, com a Tropicália, o Cinema Novo, migrou do sudeste e das capitais nordestinas mais

desenvolvidas como Recife, Salvador e Fortaleza e chegou a Teresina no período, possibilitando uma mudança nos padrões comportamentais e nas atitudes dos jovens que passaram a consumir tais novidades e se apropriarem de um novo estilo de vida, marcado pelo consumo da moda americana: calça jeans e camiseta, por homens e mulheres. As informações trazidas pelos jornais, revistas alternativas, nas letras de músicas, na literatura, pelos estudantes que viajavam para estudar fora e pelos viajantes que transitavam pela cidade.

Então podemos compartilhar da ideia de Heloisa Buarque que um misto de entretenimento envolveu o Brasil. Mas retomando as reflexões de Araújo (2007) de que a vida nas universidades e os movimentos estudantis propunham também uma revolução nos padrões de comportamento, na forma de viver e de amar, ao analisarmos os depoimentos percebemos que estas mudanças chegam lentamente entre a juventude da Faculdade de Filosofia, a liberdade sexual chegou timidamente entre as estudantes, assim aparece nos relatos de Bonfim (2012)

é liberal assim, em termos de romper com alguns mitos familiares, [...] houve esse momento de rompimento no tipo de relações, não necessariamente a pessoa saía do espaço de família, mas tinha liberação de sair a noite, de passar a noite fora de casa, de participar de debates, das reuniões, sem ter que se preocupar com quem ficava em casa. E também de uniões, experiência de união não tradicionais, uniões amorosas, não somente homo afetivas, mas muito mais hetero, por que na época fora do casamento, foi um momento em que começou essa experiência [...] dormir fora de casa, passar final de semana fora, sem voltar em casa, sem nada de muito diferente.

Bonfim refere-se aos anos de 1964 a 1968, ou seja, já em fins da década é que começa a aparecer casos pontuais de jovens que assumiam essa postura liberal de dormir com o namorado, não chegando a ser um comportamento disseminado, e mais raro, segundo relata, foram casos de jovens que saíram da casa dos pais para viverem com os namorados, a assumirem as uniões não tradicionais. São, portanto, modificações de comportamentos que começam a ser alterados, mesmo que tardiamente comparando com experiências de jovens de cidades mais desenvolvidas como Rio de Janeiro, São Paulo, em que tais práticas são disseminadas desde o início da década. Isso mostra o quão arraigado estavam os valores tradicionais na sociedade teresinense a época.

Paulo Sérgio (2001, p.52) refere-se ao ambiente universitário como espaço favorável à discussão e ao questionamento, que favoreceu a concentração de jovens e propiciou o florescer de uma identidade grupal. Em Teresina a frequência de jovens as faculdades possibilitou a convivência cotidiana de homens e mulheres e assim romper algumas barreiras entre os gêneros impostas pela sociedade disciplinar apegada a valores tradicionais como virgindade e mesmo propiciava a reflexão existencial. Ao tomarmos por referência as memórias de ex-alunas, outros significados vão emergindo. Nesse sentido, Maria das Graças Moita nos conta sobre sua vivência na FAFI.

Foi uma quantidade muito grande de pessoas nessa faixa etária que entrou na universidade, coincidiu né nisso, com essa abertura, com esse acesso e com a efervescência cultural. Eu lembro que começou a questão do vestuário, das mulheres usar calça comprida no cotidiano, e nós, do Curso de Filosofia, fomos quase pioneiras a usar calça comprida... Então foi uma revolução cultural muito grande não só nesse período, demonstração da própria vestimenta: da forma como a gente se vestia, a questão da calça comprida, questão da minissaia, também que começou lá, e a gente introduziu isso. [...] Fazia as discussões de toda a efervescência..., tudo que estava acontecendo no período. [...] Houve a discussão do feminismo que estava em alta. Lembro que... o meu trabalho final foi sobre o feminismo; mostrando as discussões que estavam havendo, e assim a forma da mulher com a liberação nesse sentido, não só sair dessa submissão social e familiar, do marido, passando a ter sua liberdade, a fazer suas escolhas, andar do jeito que achava que deveria andar, etc. isso aí foi muito frequente na Faculdade de Filosofia[...]

A FAFI emerge na memória da ex-aluna Maria das Graças que entrou na faculdade em 1968, aos 19 anos, como um espaço de sociabilidades, de incentivo do conhecimento da realidade e de vivência das mutações culturais no campo da estética e dos costumes, no qual ela se considera como pertencente a um grupo de jovens estudantes recém-saídas da adolescência que vivencia a efervescência cultural do período e inova na questão do vestuário, como pioneiras no uso da calça comprida, da minissaia, esta última considerada ícone de subversão. A Faculdade de Filosofia surge também como um ambiente em que se buscava refletir sobre as alterações por que passava a situação feminina, que começava a forjar outra identidade, baseado em questionamentos acerca dos direitos femininos, do lugar da mulher no casamento, na sociedade e seu papel na família. O feminismo aparece também como tema de debate na semana cultural.

A realidade política decorrente da repressão as liberdades de expressão e perseguições impostas pelo regime militar também suscitou reflexões e táticas dos jovens para burlar o controle exercido pela ditadura. Assim na memória de alguns estudantes a Faculdade é representada como espaço de discussões, sociabilidades e como referência para a juventude. Conforme observamos nas palavras de Bonfim

Na faculdade de Filosofia que foi o Centro Universitário mais forte do movimento estudantil, não só por que era Católica, de orientação católica e a Igreja Católica na época da Ditadura deu muito apoio aos movimentos em geral. E o movimento estudantil também. Nós acostumávamos nos reunir depois da aula, mas havia fiscalização, por que durante as aulas que nós tínhamos de assistir tinha muito controle, apesar da direção da Faculdade que era o Padre Raimundo José, que apoiava o movimento estudantil, havia muito controle, por que tinha muitos militares e outras pessoas que eram agentes do DOPS, e agentes do FMI, que estavam ali entre os estudantes e circulavam entre a gente e aparentemente amigos e amigas, mas era um controlador. (BONFIM, 2012)

O mundo novo que se configurou nos anos sessenta exigia uma posição do sujeito, uma definição política e comportamental em que novas identidades iam sendo subjetivadas pela postura na forma de consumir as roupas, a estética, as músicas. Identidades que se configurava muito mais pela diferença que pela inclusão. A postura contestatória do jovem se configurava em casa e gerava choques entre gerações, os pais sentiam-se confrontados com o comportamento dos filhos, frutos que eram de uma geração conservadora. Assim percebemos nas memórias de Maria das Graças Moita ao falar da emergência da minissaia, ela relata

Por que os pais não conseguiam dominar isso na gente. Minha mãe, por exemplo, ficava indignada quando eu saía pra faculdade com minissaia, ou então quando a gente começou a usar biquíni também. Minha mãe dizia assim: “Meu deus do céu, meus netos vão andar nu”. Ela dizia isso: “como pode a menina sair daqui com os fundos das calças aparecendo”. Inclusive eu tenho uma amiga da minha mãe, minha mãe já morreu, e essa amiga sempre que me vê se lembra da minha mãe reclamando de mim, das roupas curtas demais que usava, então ela não conseguiu controlar isso.

Os jovens teresinenses influenciados pelas revistas como Cruzeiro e Realidade que circulavam na cidade, e no final da década de sessenta quando entra o sinal da TV em Teresina em 1968 passaram a se apropriar de uma nova estética, que às vezes era

considerada pelas famílias e moralistas como subversiva, é o caso do consumo das minissaias pelas mulheres, da calça jeans, do uso de cores berrantes e roupas curtas. Assim constituem uma categoria que se diferencia pela apropriação de uma linguagem, de uma estética marcada pela inversão de costumes, ao tempo em que o homem passa a usar cabelos compridos próprio das mulheres, essas encurtam seus cabelos. Ao refletir sobre as subjetividades que emergem no período, Castelo Branco discorre

O período assistirá a um cerco sem precedentes à juventude e ao gosto jovem, e este cerco se dará especialmente em torno dos cabeludos. Usar cabelos compridos, no período, não é apenas deselegante, é acima de tudo obsceno e imoral. (2005, p. 89)

O gosto jovem por uma estética considerada subversiva e amoral além de causar repulsa e críticas por parte de familiares, gerava posturas preconceituosas por parte de membros da sociedade disciplinar.

Então de certa forma o comportamento jovem afrontava a sociedade tradicional, a família, a moda que se configurou no período ajudava os sujeitos a constituírem subjetividades e novas identidades, seja o jovem “moderno”, antenado com as novidades que chegavam do sudeste, ou o militante não alienado, o contestador, o subversivo. E o espaço da FAFI por ser um ambiente de divulgação de ideias, de convivência entre grupos tornava-se um espaço de disseminação e formação de comportamentos entre a juventude, portanto propiciador de trocas culturais. Que pela voz de alguns dos estudantes da década de sessenta, a FAFI emerge como um ambiente de vivências democráticas e de intensas atividades políticas, produzindo nos seus frequentadores a sensação de construção de uma cultura universitária.

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. FONTES ORAIS- Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. P.155-202.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis, 1973-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a Invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: Artes de fazer. V.1. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio De Janeiro, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lyn. A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 211-238.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MUDROVIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a uma Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília (Org.). Cultura política, Memória e Historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

QUEIROZ, Teresinha De Jesus Mesquita. **Do Singular ao Plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários*. São Paulo: Círculo do livro. 1999.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou – a aventura de uma geração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Fontes orais:

BONFIM, Maria do Carmo Alves do. Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina, 30 de abril de 2012.

PEREIRA, Maria das Graças Moita R. Depoimento concedido a Lucélia Nárjera de Araújo. Teresina, abril de 2012.